

“RATAZANA DE BUEIRO”, “LIXO HUMANO”: VIOLÊNCIA LINGUÍSTICA DE MOTIVAÇÃO TRANSFÓBICA EM COMENTÁRIOS DE LEITORES/AS DO G1.COM

Danillo da Conceição Pereira Silva

*Universidade Federal da Bahia
danillosh@gmail.com*

RESUMO

Filiando-se a perspectivas críticas e interdisciplinares da Nova Pragmática, as quais tomam a linguagem como forma de ação social dotada de potencial performativo, em diálogo com os Estudos de Gênero e Sexualidade, neste trabalho, refletiremos sobre o modo de constituição dos atos de fala transfóbicos realizados em dois comentários online postados por leitores/as no site de notícias G1, entre os meses de junho de 2015 e junho de 2016, em duas matérias jornalísticas relacionadas à performance da atriz e modelo transexual Viviany Beleboni, durante a 19ª edição da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, Brasil. Ao cabo da análise qualitativa e interpretativa dos dados gerados, pudemos observar o modo como a linguagem, a partir da atualização e do reestabelecimento de contextos específicos, pode realizar violência linguística de motivação transfóbica, por meio da produção de sentidos de abjeção para vidas, corpos e identidades trans. Dessa visada, ponderamos que, com vistas ao estabelecimento de uma agenda política, na teoria e na militância, para o enfrentamento da transfobia, a desnaturalização de significados transfóbicos produzidos socidiscursivamente constitui-se como uma pauta de significativa relevância.

Palavras-chave: Transfobia, violência linguística, abjeção, comentários online.

INTRODUÇÃO

Eram por volta das 14h de meados de março deste ano quando, enfim, chegava em casa após uma manhã rotineira de trabalho no campus. Ao ligar o *notbook* para verificar a correspondência, decidi abrir minha página no *Facebook* e uma das primeiras notificações que me apareceu no *feed* de notícias era um vídeo de 1 min. e 20 seg., intitulado “*DENÚNCIA! TRAVESTI DANDARA ASSASSINADA A SOCOS E PAULADAS EM FORTALEZA*”. Nesse momento, um misto de agonia e revolta tomou conta de mim. Apesar de hesitar, decidi ver o vídeo. Nele, a travesti Dandara Katharine era, conforme prenunciava o título, brutalmente assassinada, à luz do dia, em via pública, no Bairro Ceará, região metropolitana de Fortaleza, Ceará, Brasil.

Nenhuma novidade para as estatísticas brasileiras de homicídios de pessoas trans. Nada de novo para o país que, só em 2016, matou mais de 900 pessoas dessa parcela da população, sendo assim líder mundial nesse tipo de atrocidade¹. Longe de ser um caso isolado de violência fortuita

¹ Segundo relatório da *Rede Transgender Europe* 2016.

provocada por motivações escusas, a violência transfóbica é uma realidade estrutural e estruturante na sociedade brasileira, patriarcal e machista, naturalizada, institucionalizada e invisibilizada de diversas formas. Porém, de algum modo novo e doloroso, para mim, naquele momento, era perceber a estreita ligação entre o que os assassinos de Dandara faziam com suas mãos (tapas, chutes, pauladas...) e o que realizavam com suas palavras, simultaneamente.

*“Suba! Suba! Não vai subir não? Sobe nessa buceta, seu viado feio! Viado despeitado! Sobe logo nessa buceta, arrombado! Tá me escutando não? A imundiça tá de calcinha e tudo! Vão matar o viado! (risos)”*². Eram essas as palavras que eles proferiam (desferiam?) enquanto exerciam sua tortura e execução. Num congraçamento multissemiótico de crueldade e barbárie, golpes e signos assassinos, em profusão, produziam a violência transfóbica que vitimava Dandara, e que com dois tiros e uma pedrada a matariam, em mais uma cena da vida real que o vídeo não mostrou.

Se, por um lado, casos como esse chocam profundamente a nossa sensibilidade, por outro, despertam-nos para as questões multidirecionais que o atravessam, como por exemplo, o potencial violento que determinados usos linguísticos podem assumir em contextos específicos, desvelando, assim, o papel que a linguagem, enquanto forma de ação e prática social situada, pode assumir na realização e na naturalização da transfobia. Nesse sentido, em perspectiva linguístico-discursivo, objetivamos, neste trabalho, refletir sobre o modo violência linguística de motivação transfóbica se efetiva em situações reais de produção linguística.

Nesse sentido, a fim de perseguir tais questões, inspirados pelas perspectivas críticas e interdisciplinares da Nova Pragmática (MEY, 1985; 2001; 2014; RAJAGOPALAN, 2010; ALENCAR, 2010; SILVA, 2012), em diálogo com os Estudos de Gênero e Sexualidade (FOUCAULT, 1988; BUTLER, 1997a, 1997b, 2000), refletiremos sobre o modo de constituição dos atos de fala transfóbicos realizados em dois comentários *online* postados por leitores/as no site de notícias *GI*, entre os meses de junho de 2015 e junho de 2016, em duas matérias jornalísticas relacionadas à performance da atriz e modelo transexual Viviany Beleboni, durante a 19ª edição da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, Brasil.

² Áudio transcrito por nós, a partir de vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sEk3Rnp5Sr4&t=7s> (Acessado em 12 de março de 2017).

QUANDO DIZER PODE FERIR: A TRANSFOBIA NO DISCURSO

Apesar de as especulações em torno da linguagem remontarem a filosofia pré-socrática, por volta do século IV a.c, de certo, faz pouco tempo que estas começaram a se desvencilhar de uma visão platônica ou neoplatônica da relação palavra-coisa, significado-objeto. Dito de outro modo, é relativamente recente pensar a linguagem fora de uma concepção na qual esta estabelece uma relação especular com o mundo, tendo uma função meramente representativa da realidade, por meio de uma ligação biunívoca entre significado e coisa significada. De forma mais ou menos discreta, tal concepção essencialista aparece na base epistemológica de muitas abordagens hoje correntes nos estudos da linguagem.

Assim, afastando-me de tais concepções para assumir perspectivas pragmáticas de linguagem, segundo as quais esta constitui-se como uma forma de ação sobre a realidade (AUSTIN, 1962; BUTLER, 1997), penso que a “linguagem é um nome para nossa ação: tanto o ‘quê’ fazemos (o nome para a ação que caracteristicamente encenamos) e aquilo que fazemos acontecer, o ato e suas consequências” (BUTLER, 1997, p. 8, tradução nossa). Desse modo, dentre as inúmeras coisas que a linguagem pode fazer, está a violência, nesse caso, a violência linguística. Como assinalado por Silva e Alencar (2014), os esforços teóricos em torno de uma definição mais acurada do que seja a violência linguística leva-nos, inevitavelmente, a questões clássicas nos estudos da linguagem: qual a relação entre forma linguística e significado? Em que medida a dependência contextual determina a produção dos sentidos? Há significados literais independentes do uso linguístico? Direcionando tais indagações para a questão aqui investigada, teríamos, então: há significados violentos imanentes à língua ou eles são produzidos por um contexto específico de uso?

No intento de responder a tais perguntas, enquanto alguns estudiosos como Grice (1989) e Ilari (1987) sustentam que há uma porção de sentidos na língua independentes do contexto e outra porção dependente, são validadas aqui posições como as de Gumperz (1998 [1982]) e Hanks (2008), segundo os quais “o significado – mesmo o literal – deriva de uma fusão da forma linguística com o contexto”, sendo assim, algo que “emerge” da “interação entre a língua e suas circunstâncias” (HANKS, 2008, p. 226). Nesse sentido, toda forma linguística – logo, toda significação – é, de algum modo, indexical, ou seja, remete ao seu contexto de produção, seja ele imediato – microsocial – ou remoto – macrossocial.

Partindo desse ponto de vista, a produção de significados violentos, no que tange à violência linguística, não diz respeito exclusivamente ao emprego de palavras que gozem, no interior do

léxico de uma língua específica, de acepções consideradas injuriosas ou negativas. Os mecanismos pelos quais operam tais significados é a atualização de determinados contextos interacionais, sociais e/ou históricos marcados pela injúria, que, por meio da enunciação de determinados atos de fala, atualizam seus contextos violentos e, por conseguinte, a violência nas quais foram produzidos se realiza reiteradamente.

Desse modo, pensando a violência transfóbica como um tipo de “atividade social institucionaliza”, que se realiza, inclusive, linguístico-discursivamente, atos de fala enunciados nesse sentido só podem ser bem sucedidos, ou, em termos austinianos, cumprirem suas condições de felicidade, quando estes atendem ao caráter ritualizado de tal prática social, apontando para o que Bourdieu (1989) nomeou, em sua teoria da prática³ social, como *habitus social* e que é retomado nas discussões sobre violência linguística como *habitus linguístico*, a saber, o modo típico sócio-historicamente construído pelo qual a violência na linguagem se realiza e ao qual todo ato de fala dessa natureza deve satisfazer a fim de obter êxito em seu empreendimento, nesse caso específico, o exercício da violência de gênero de motivação transfóbica.

Dito de outro modo, para que um ato de fala possa realizar transfobia é necessário que este esteja ancorado citacionalmente em outros atos de fala que circulam na sociedade, em diferentes espaços e tempos, com a mesma finalidade de ação: exercer a violência de gênero contra pessoas trans. É nesse sentido que a “[...] a performatividade deve ser compreendida não como um "ato" singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia” (BUTLER, 2000, p.111).

Nesse sentido, tal ancoragem se realiza através do processo de instauração dos contextos pragmáticos indexados, na própria estrutura do ato de fala, graças aos *processos de contextualização* (GUMPERZ, 1998 [1982]) acionados pelos interactantes no momento da elaboração de seus proferimentos. Ao passo que nesse processo de produção de contextos os falantes gozam de certa liberdade na seleção/implementação de sentidos, seu horizonte de possibilidades é também modelado pelo tipo de atividade social institucionalizada no qual estão engajados, a qual se realiza segundo um *habitus linguístico* específico, nesse caso, o *habitus linguístico da transfobia*.

³ Uma discussão mais ampliada sobre a visão da prática em Pierre Bourdieu e seus impactos para uma teoria e análise da linguagem em uso pode ser encontrada em *Em torno de uma abordagem prática em pragmática: tragédia grega como conversação impolida*, na obra *Nova Pragmática: modos de fazer* organizado por Silva, Ferreira e Alencar (2014), publicado pela Editora Cortez.

Tendo em vista tais encaminhamentos teóricos, enquanto instâncias dinamicamente produzidas em situações de interação graças aos processos contínuos de modelagem, ampliação/limitação de sentidos, implementados de acordo com os horizontes de possibilidades dos usuários nos papéis assumidos em determinadas atividades sociais, os contextos pragmáticos construídos pelos atos de fala passam a assumir particular relevância na compreensão da violência linguística. Em suma, a força ilocucionária dos atos de fala transfóbicos advém do processo de atualização e reestabelecimento de contextos implementados por tais proferimentos.

Dessa maneira, somente uma análise de “atos de fala situados” (MEY, 2014, p. 135) nos contextos por eles produzidos, que leve em conta as “possibilidades dos usuários” (MEY, 2014, p. 135) nas situações sociais nas quais estão engajados, seria capaz de dar conta, em termos “radicalmente pragmáticos” (LEVINSON, 1983), das ações realizadas “de fora para dentro” (MEY, 2014, p. 135), do contexto modelado pelo ato de fala para o próprio ato, conduzindo-nos mais do que a significados de proferimentos enunciados, mas aos tipos de atividades realizadas por determinados atos de fala, numa visão ecológica da ação realizada na/pela linguagem.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As análises empreendidas neste trabalho dizem respeito, a partir de uma visada interpretativista e qualitativa de pesquisa em linguagem, a uma investigação sobre o modo de constituição linguístico-discursivo da violência linguística em atos de fala transfóbicos produzidos em 2 comentários *online* postados por leitores/as no site de notícias *GI*, entre os meses de junho de 2015 e junho de 2016, em duas matérias jornalísticas relacionadas à performance da atriz e modelo transexual Viviany Beleboni, durante a 19ª edição da Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, Brasil.

Quanto ao critério de seleção das matérias, priorizamos uma que fosse imediatamente próxima ao fato ocorrido e uma outra temporalmente mais distanciada, com vistas a perceber se essas relações temporais trariam alguma diferença no modo de interação ali desenvolvido. Assim, entre os dias 12 e 15 de janeiro de 2016, utilizando o sistema de busca de matérias disponível na página do *GI* (<http://www.g1.com>), mediante a inserção das palavras-chave *TRANSEXUAL+CRUCIFIDA + PARADA GAY*, localizamos as matérias que tratavam sobre o caso de nosso interesse. Dessas, levando em conta o número de comentários recebidos, escolhemos as matérias *Bispos divulgam nota contra o uso de imagens religiosas na Parada Gay*, publicada em 11 de junho de 2015, e *Depoimento de transexual ‘cricificada’ na Parada Gay é adiado em SP*, publicada em

21 de junho de 2016. Para fins de análise, neste trabalho, exploraremos 2 comentários de leitores/as rela Os critérios de análise do *corpus* giram em torno da investigação dos *processos de contextualização* (GUMPERZ, 1998 [1982])⁴, em funcionamento nos atos de fala violentos, a fim de perceber quais contextos são (re) estabelecidos para injuriar pessoas transexuais pelo ódio à sua identidade de gênero.

Esse tipo de trabalho orientacional envolve *escolhas* (lexicais, frasais, composicionais, estilísticas, tópicas, de registo, de imagens retóricas e metafóricas, entre outros) empregadas na realização dos atos de fala proferidos nas interações. Contudo, tais escolhas não podem ser tomadas como completamente intencionais ou “racionais”, mas são motivadas por nossa capacidade “aprendida de observar e agir de acordo com contextos interativos em desenvolvimento, qualidade metapragmática central em toda comunicação (cf. FABRÍCIO, 2014, p. 149).

Assim, as atividades semióticas envolvem a atribuição de sentido-classificação-valor (a signos, pessoas e situações), e seus consequentes *efeitos sociais*, dentre eles a produção de significados violentos, mediante a performativização de determinados atos de fala, que operam no sentido de hierarquizar identidades e modos vida, a partir das práticas linguístico-discursivas. Então, fica autorizado pensar que a subalternização, em relação intrínseca com a violência sofrida por pessoas transexuais, é também um desses efeitos sociais gerados pela atribuição de sentidos no interior de determinados contextos estabelecidos.

A gama de estratégias referenciais e inferenciais das quais os interactantes lançam mão na produção dos atos de fala estão diretamente relacionados ao conhecimento de mundo e repertórios socioculturais partilhados nas situações de interação. Desse modo, ao serem acionados, reestabelecem e ressignificam – via elementos indexicais (pragmáticos) – contextos mais amplos que sinalizam as normas sociais, convenções, identidades e modelos culturais em jogo.

Mediante a natureza e a constituição metodológica do *corpus*, tendo em vista os horizontes teóricos assumidos neste trabalho, tomei como categorias básicas para o trabalho de análise, os seguintes processos linguístico-discursivos, a partir da ampliação das pistas linguísticas de contextualização propostas por Gumperz (1998[1982]): *i*) escolhas lexicais nos processos de designação, (re) nomeação e adjetivação e *ii*) escolhas sintático-semânticas nos processos de predicação.

⁴ Apesar de o trabalho de Gumperz ser oriundo da Sociolinguística Interacional, a sua adoção como estratégia metodológico-analítica é vista por nós como válida e consoante com a feição teórica desta pesquisa, pois, segundo Pinto (2009, p. 119), o trabalho de Austin (1962) esteve na base de suas proposições.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Termo cunhado por Julia Kristeva e amplamente recuperado pela Teoria *Queer*, a abjeção diz respeito ao lugar ao qual a sociedade relega aqueles que desafiam a sua ordem, a sua aparente estabilidade sociopolítica, por, de algum modo, transgredirem os limites normatizados das possibilidades de existência normalizada (aceitas como ‘normais’), existindo, enquanto sujeitos, fora dos padrões, sejam eles de raça, de corpo, de gênero, de sexualidade, dentre outros aspectos.

Conforme pensa Kristeva (1982, p. 4), o abjeto não é simplesmente uma ameaça à pureza e à saúde coletivas, almejadas socialmente, mediante os trabalhos de inúmeros instrumentos de padronização e de sujeição (discursos religiosos, familiares, médico-científicos), mas diz respeito a uma ameaça ao projeto de identidade aceitável socialmente inculcado e perseguido como condição para o estabelecimento da ordem, da paz e da normalidade. Assim, em termos sociais, as experiências abjetas são repugnantes, deploráveis e moralmente depravadas, pois “sua própria existência ameaça uma visão homogênea e estável do que é a comunidade” (MISKOLCI, 2016, p. 24).

Nesse sentido, numa sociedade patriarcal e cisheteronormativa, como a brasileira, as experiências trans fazem parte desse grupo de identidades sociais relegadas à abjeção. Os modos pelos quais se processa a construção discursiva das experiências trans como deploráveis, repugnantes, exteriores à própria condição humana, são múltiplos e se realizam, de modo particular, pelo potencial performativo do discurso em atos de fala transfóbicos como o abaixo analisado.

(1)



Wilson Lopes

HÁ 2 ANOS

Desrespeito???? estas ratazanas de bueiro não sabem o que é respeito, estas corjas que frequentam esta parada gay são uns lixo humanos querendo se aparecer.

👍 11 💬 2 · 📱 🐦 🌐

Em (1), a força ilocucionária que torna o ato de fala capaz de operar a violência advém dos contextos de abjeção aos quais as pessoas trans são social e historicamente relegadas. Tais contextos aparecem indexados por processos de contextualização como as sucessivas *renomeações* às quais o comentador recorre para *designar* Viviany Belebóni.

Pensando a designação como um processo linguístico-discursivo inserido numa prática social, ou seja, como uma realidade mais abrangente que uma nomeação despreziosa ou que um

mecanismo “neutro” de construção de referentes, entendemos que as (re) nomeações, mediante seu caráter designativo, não apenas constroem objetos de discursos (MONDADA; DUBOIS, 2003, p. 35) na materialidade do ato de fala, mas se ancoram em significados sociais transfóbicos disponíveis num repositório mais estável de valores culturais e simbólicos, produzindo, de forma concreta, a violência, a transfobia.

Nessa direção, afirma Rajagopalan (2004, p. 83 - 85):

No momento em que é nomeado, o objeto deixa de ser exclusivo ou único, pois o próprio ato de nomeação se encarrega de emprestar-lhe um atributo (a saber, a própria descrição – definida, no caso – utilizada para nomeá-lo), que é publicamente disponível e, em princípio, apto a ser aplicado a outros objetos (...). É inegável o importante papel desempenhado pelos termos escolhidos a fim de designar os indivíduos, acontecimentos, lugares, etc. na formação da opinião pública a respeito daqueles entes.

Nesse sentido, as *escolhas lexicais* efetuadas para a produção do processo de (re) nomeação no ato fala transfóbico em (1) atualizam contextos ritualizados nas práticas sociais da violência de gênero, especificamente aquelas que dizem respeito à interpelação de pessoas trans a ocuparem uma posição contextual que faz recair sobre suas identidades significados que remontam à subalternização por meio da animalização (“estas *ratazanas de bueiro* não sabem o que é respeito”), da degradação moral (“estas *corjas* que frequentam esta parada gay”) e da precarização de suas existências (“... são *uns lixo humano* querendo aparecer). O atendimento a tais significados rituais garantem a satisfação de sua condição de felicidade.

No influxo desse processo, em (1), a nomeação que seria feita a Viviany, uma vez que é dela que a matéria trata, é generalizada, por extensão, a um grupo social ao qual ela é reconhecida como pertencente, às pessoas trans, nomeadas como “*ratazanas de bueiro*”. A seleção lexical acionada para efetuar a nomeação aponta, em primeiro lugar, para o reconhecimento de tais pessoas como não-humanas, como de uma categoria de seres inferiores, a qual não goza do status e da dignidade que é conferida aos humanos. Os transbordamentos de sentido da palavra “*ratazana*” assinalam para a identificação dessas formas de vida como animalizadas, mais que isso, relacionadas a espécies animais encarados socialmente como pragas, pestes a serem evitadas e/ou combatidas, sobretudo em ambientes urbanos.

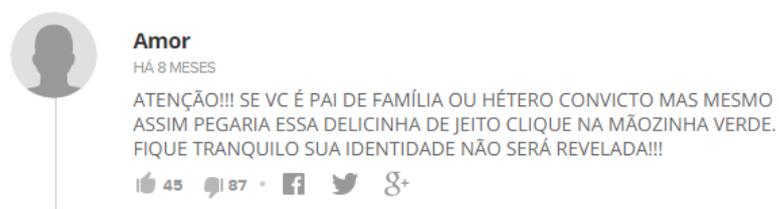
Além do caráter de “animal indesejado” advindo de seu modo de vida asqueroso, uma vez que seu aparecimento geralmente é relacionado à sujeira, a *ratazana* é ainda vista como ameaça à higiene, à saúde dos “humanos” que, de algum modo, se deparam com esses seres, associados à potencial transmissão de doenças. No interior do sintagma nominal no qual a expressão “*ratazana*” é selecionada, aparece ainda uma expressão de valor qualificativo, a locução adjetiva: “de bueiro”,

compondo o sintagma “ratazana de bueiro”. Tal processo de adjetivação funciona na composição da nomeação, ou seja, da produção de uma identidade social no discurso para as pessoas trans que se realiza mediante a atualização de contextos de violência, como a consideração das vidas trans como abjetas, e que, assim, (re) produz, realiza, perpetra a transfobia na/pela linguagem.

Em consulta ao Dicionário Aurélio Buarque de Holanda (2015), podemos perceber que diferentemente do que diz o verbete destinado ao vocábulo “ratos”, as “ratazanas” são animais de porte maior que aqueles, chegando a 20 cm, e têm como preferência os pântanos, os esgotos, “os bueiros”, regiões subterrâneas da cidade. Nesse sentido, as “ratazanas de bueiro” têm como espaço próprio de sua existência uma zona inóspita, invisível, inferior ao nível da cidade, diferentemente daquela destinada às pessoas dotadas de dignidade humana e a animais de espécies menos nocivas.

Ao atentarmos para a *trajetória de contextualização* que a seleção desse termo na nomeação de vidas trans aponta, enquanto *pista de contextualização*, podem ser evidenciadas as relações de ancoragem no modo de funcionamento de uma sociedade cisheteronormativa que relega às pessoas dissidentes de gênero uma zona inferior ao nível da cidade, ao nível da vida em seus termos civis, localização essa, numa cartografia urbana, desprovida de reconhecimento social, e por vezes jurídico, desvalida de direitos básicos, como o direito a percorrer as ruas da cidade à luz do dia sem ser agredida, a ocupar postos formais de trabalho, ao próprio nome, ao próprio corpo, à existência

(2)



(3)



Os sentidos indexados pelos processos de contextualização que operam em (2) e (3) ancoram sua força ilocucionária em um emaranhado de processos sociohistóricos que revelam a

brutalidade perversa na qual o corpo e a sexualidade trans estão imersos. As mesmas posições identitárias relacionadas aos saberes-poderes ligados a uma matriz sexo-gênero binária e altamente cisheteronormativa, como marcado pelas ressonâncias de *designações* sociais em *escolhas lexicais* como “pai de família” ou “hétero convicto” são as mesmas que enunciam Viviany Belebony como objeto passível de ser desejado, nomeando-a como “essa delícia”.

Longe de uma valoração positiva ou de um reconhecimento não abjeto da identidade trans em sua expressão corporificada, tais *processos de contextualização* reiteram o posicionamento subalterno ao qual esta é relegada, em face dos sentidos de objetificação marcados em estruturas verbais como “pegaria”, aludindo, popularmente, a uma relação sexual-genital, inseridas após a construção de um mecanismo argumentativo de oposição categórica, duplamente reforçado pelo uso de operadores de valor adversativo, materializado na expressão “mas mesmo assim”.

Assim como os operadores argumentativos de valor adversativo marcam uma reorientação no curso da afirmação que se está construindo, demarcando uma divisão nítida entre duas perspectivas de posições opostas, no plano do discurso, tais procedimentos sintático-semânticos aludem à fragmentação da posição identitária do enunciador do comentário. Embora este seja alguém que se enuncia como identificado com valores morais de uma discursividade que não reconhece as experiências trans como válidas (“pai de família”/ “hétero convicto”), as enunciam como objeto de seu desejo, replicando sentidos que remontam a contextos atrelados ao machismo estrutural e estruturante, o qual concebe a mulher como objeto de consumo sexual do homem, instaurando uma aparente contradição.

Dessa fragmentação identitária inscrita no ato de fala são também reestabelecidos contextos socialmente construídos em torno da invisibilidade e indignidade do corpo e da sexualidade trans. Apesar de estes serem alvos da cobiça lasciva dos machos “pais de família”, “hétero convictos” que performatizam sua masculinidade em atos de fala como em (3), os corpos e as sexualidades dissidentes devem permanecer numa zona de interdição, pois tratam-se de desejos impronunciáveis por corpos inviáveis, segundo a matriz sexo-gênero falocêntrica na qual as posições identitárias sociodiscursivas dos comentadores estão atreladas. Tais contextos podem ser acionados por pistas como a garantia de sigilo enunciada ao final do comentário “fique tranquilo sua identidade não será revelada”, aludindo ao caráter ‘impróprio’ do que ali é enunciado para quem ocupa tal posição.

Vemos materializar-se no discurso, através dos processos de contextualização indicados, contextos socialmente ritualizados nos quais corpos de mulheres trans são vistos sempre como hipersexualizados, promíscuos, lascivos e sempre objetivamente disponíveis, prostituíveis, a partir de

um horizonte no qual seria a prostituição o signo máximo de profanação do corpo e índice absoluto de indignidade e de torpeza moral. Transbordam também da relação irônica estabelecida entre o *nickname* assumido pelo autor de (2), “Amor”, e os contextos acionados pelas suas escolhas lexicais e sintático-semânticas nos processos de nomeação, os efeitos pragmáticos que brutalmente são desferidos contra os corpos trans, um ‘amor’ que escarnece do seu objeto de desejo proibido, invisível, monstruoso, o qual o fere, objetifica e mata.

CONCLUSÕES

Mediante as análises e discussões empreendidas a partir das perspectivas teóricas validadas neste trabalho, podemos perceber como a linguagem, uma vez compreendida como modo de ação efetivo de construção da realidade, pode realizar a transfobia, a partir da atualização e do reestabelecimento de contextos sociodiscursivos nos quais as pessoas trans são relegadas a condições de abjeção. Dessa visada, numa agenda política de militância teórica e social para o enfrentamento da transfobia, a desnaturalização de sentidos transfóbicos realizados no discurso, no que tange a violência linguística, configura-se uma pauta importante para o agenciamento de saberes-poderes com vistas a resistência as mais diversas formas de violência.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, C. N. *Pragmática da exclusão: a teoria dos atos de fala por Searle e outras confusões formalizantes*. In: FREITAS, Alice Cunha de (Org.). *Linguagem e exclusão*. Uberlândia: EDUFU, 2010.
- AUSTIN, J. *Quando dizer é fazer*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962].
- BAUMAN, Z. *Vidas desperdiçadas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 36 ed., São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2009.
- BUTLER, J. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*. Trad. Thomas Tadeu da Silva. In: LOURO, G. L. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica. 2 ed., 2000.
- _____. *Lenguaje, poder e identidad*. Madrid: Síntesis, 1997.
- _____. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FABRÍCIO, B. F. *Transcontextos educacionais: gêneros, sexualidades e trajetórias de socialização na escola*. In: SILVA, D. N.; ALENCAR, C. N.; FERREIRA, D. M. M. (Orgs). *Nova Pragmática – Modos de Fazer*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 145 – 189.
- FOUCAULT, M. *Os Anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Aula 22 de Janeiro de 1975). Tradução Eduardo Brandão. - São Paulo: Martins Fontes, p. 69-101, 2001.

- GRICE, P. Lógica e Conversação. In: DASCAL, Marcelo. (Org.) *Fundamentos Metodológicos da Linguística*. v. IV. Campinas, 1982 [1977].
- GUMPERZ, J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T e GARCEZ, P. M. (Orgs) *Sociolinguística Interacional*. Porto Alegre: Age, 1998 [1982].
- HANKS, W. F. *Língua como prática social*: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. In: BENTES, A. C.; REZENDE, R. C.; MACHADO, M. A. R. (org.) São Paulo: Cortez, 1996.
- ILARI, R. *O que fazer quando '2+3' não é igual a '3+2'*: a semântica e a pragmática das construções simétricas em língua natural. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 13, p. 97-105, 1987.
- KRISTEVA, J. *Powers of horror: An essay on abjection*. Translated by Leon S. Rodriguez. New York: Columbia University Press, 1982.
- LEVINSON, S. C. *Pragmatics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
- MEY, J. Sequencialidade, contexto e forma linguística. In: SILVA, Daniel N.; FERREIRA, Dina M. N.; ALENCAR, Claudiana F. Tradução: Ivo Brunelli. *Nova Pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 129 – 144.
- MISKOLCI, R. Origens históricas da Teoria Queer In:____, *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016, p. 21-35.
- MONDADA, L. DUBOIS, D. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODEIGUES, B.; CIULLA, A. (org.) *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.
- RAJAGOPALAN, K. *Nova pragmática: fases e feições de um fazer*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ____. *Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- SILVA, D. C. P. Atos de fala e performatividade: trajetórias teórico-metodológicas rumo a uma visada social em Pragmática. In: LIMA, G. O. S; CARVALHO, M. L. C. G. (Orgs.). *Linguística e Literatura: confluências e desafios*. 1ed. Aracaju: Criação Editora, 2017, v. V, p. 25-43.
- SILVA, D. N. *Pragmática da violência: o Nordeste na mídia brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.
- ____. ALENCAR, C. N. Violência e significação: uma perspectiva pragmática. Daniel N.; FERREIRA, Dina M. N.; ALENCAR, Claudiana F. (Orgs.) *Nova Pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez, 2014, p. 258 – 283.